

---

## HENRI LEFEBVRE E O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO: INTEGRAÇÃO DA SOCIOLOGIA E DA HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DIALÉTICA

### HENRI LEFEBVRE AND THE REGRESSIVE-PROGRESSIVE METHOD: INTEGRATION OF SOCIOLOGY AND HISTORY IN A DIALECTICAL PERSPECTIVE

#### Resumo

O presente artigo sublinha a relevância do método regressivo-progressivo proposto no bojo da profícua e ampla produção intelectual de Henri Lefebvre. A exploração crítica que o autor efetua da noção marxiana de *formação econômico-social* possibilita, ao empregar o método regressivo-progressivo, romper com a prepotência das leituras unidimensionais que elegem a pretensa unitemporalidade do capitalismo, desvelando o *desenvolvimento desigual* e a superposição de tempos que caracterizam a dinâmica social, tanto em organizações capitalistas centrais, a exemplo da sociedade francesa, como em sociedades de modernidade inconclusa, como a sociedade brasileira. Fundamentado na leitura direta de parcela da obra lefebvriana e em escritos de inúmeros estudiosos, o texto apresenta quatro seções, além da introdução e da conclusão: num primeiro momento, informações biográficas e bibliográficas; num segundo estágio, categorias analíticas fundamentais empregadas pelo pensador marxista; a definição do método regressivo-progressivo e; posteriormente, a aplicação do método, efetuada pelo pensador francês, em um de seus clássicos estudos sobre a sociedade urbana. Transposto o percurso, atenta-se, na conclusão, a prodigalidade do método regressivo-progressivo e a necessidade de maior divulgação da perspectiva teórico-metodológica lefebvriana na sociologia brasileira.

**Palavras-chave:** dialética; formação econômico-social; Henri Lefebvre; método regressivo-progressivo; sociedade urbana.

#### Abstract

This article highlights the relevance of the regressive-progressive method proposed in the context of Henri Lefebvre's fruitful and broad intellectual production. The author's critical exploration of the Marxian notion of economic-social formation makes it possible, by employing the regressive-progressive method, to break with the arrogance of one-dimensional readings that elect the alleged unitemporality of capitalism, unveiling the uneven development and the overlapping of times that characterize social dynamics, both in central capitalist organizations, such as French society, and in societies of inconclusive modernity, such as Brazilian society. Based on the direct reading of part of Lefebvrian work and on writings by countless scholars, the text presents four sections, in

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Docente EBTT do IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes. Email: ediano.prado@ifsuldeminas.edu.br

addition to the introduction and conclusion: initially, biographical and bibliographical information; in a second stage, fundamental analytical categories used by the Marxist thinker; the definition of the regressive-progressive method and; subsequently, the application of the method, carried out by the French thinker, in one of his classic studies on urban society. Having completed the path, in the conclusion, attention is paid to the prodigality of the progressive-regressive method within the discussion of the triangulation of methods and the need for greater dissemination of the Lefebvrian theoretical-methodological perspective in Brazilian sociology.

**Keywords:** dialectic; economic-social training; Henri Lefebvre; regressive-progressive method; urban society.

## INTRODUÇÃO

Nos embates com o marxismo vulgar, e em oposição ao estruturalismo e ao positivismo, Jean-Paul Sartre supera o existencialismo metafísico e apresenta, com o propósito de privilegiar os sujeitos de carne e osso, um existencialismo marxista. Enveredando pela perspectiva marxiana de uma totalidade aberta, inconclusa e contraditória, defendeu em *Questões de método*, incluído como introdução à *Crítica da razão dialética*, vindo a lume em 1960, o método regressivo-progressivo, cunhado na década de 1940 por Henri Lefebvre em seu estudo sobre a comunidade rural francesa dos Pireneus<sup>2</sup>. Não obstante as críticas ácidas direcionadas contra seu pensamento por Lefebvre, na obra *O existencialismo*, publicada em 1946<sup>3</sup>, Sartre reconheceu a grandiosidade da contribuição de seu compatriota, apropriando-se inclusive do movimento triádico do método, renomeando os três momentos – momento descritivo, momento analítico-regressivo e momento progressivo-sintético – como: *totalização*, *destotalização* e *retotalização* (Grüner, 2007).

O percurso proposto por Lefebvre foi apontado por Sartre como o primeiro modelo metodológico regressivo-progressivo, integrador da sociologia e da história, numa perspectiva dialética, embasando a análise da lei geral do processo e descortinando a multitemporalidade e a multidimensionalidade dos fatos sociológicos. O procedimento metodológico analítico-regressivo permite

---

2 Condenando os “marxistas preguiçosos” que tomam uma perspectiva determinista *a priori* para analisar a práxis, Sartre diferencia o método de abordagem existencialista como um método regressivo-progressivo e analítico-sintético. Reconhece que, “[...] no entanto, foi um marxista, Henri Lefebvre, quem deu um método, em minha opinião, simples e irrepreensível, para integrar a Sociologia e a História na perspectiva da dialética materialista” (Sartre, 2002, p. 51).

3 Barreira (2009, p. 83) argumenta que, a despeito de sua heterodoxia, Lefebvre efetuou uma contundente crítica ao existencialismo, empunhando as cores da ortodoxia sectária utilizada pelo Partido Comunista Francês (PCF) “A filosofia de Sartre, por fim, foi rejeitada nos termos mais duros, como ‘lamagie et lamétaphysique de lamerde’”. No entanto, a crítica de Lefebvre ao existencialismo ocorreu em momento no qual Sartre já se encontrava engajado, abandonando a indiferença e ausência de atuação política anteriores à II Guerra Mundial.

pensar não só o tempo do presente e do passado, mas também o tempo daquilo que ainda não é, mas se anuncia como possível nas contradições da práxis. Ao adotar o método regressivo-progressivo, o sociólogo inicia seu trajeto pela camada epidérmica, descrevendo-a com base em dados de observação direta, coleta primária e reflexões. Regressa ao passado, transpondo a superfície da trama social, e realiza a datação lógica e histórica das relações sociais, das instituições e dos valores. A datação das relações sociais, a apreensão da gênese específica de cada uma em circunstâncias peculiares, possibilita retornar à superfície com as articulações que a própria história faz. Assim, decifra-se o modo como o capital encadeia a diversidade de relações, trazendo para as determinações de seu tempo, isto é, do seu ritmo e da reprodução ampliada, os tempos das diferentes relações que foi reproduzindo na sua própria lógica ou, mesmo, produzindo. O método regressivo-progressivo possibilita o caminho dialético, o traçado do futuro – possível – ao presente, deste ao passado, regressivamente, e, depois, do passado ao presente, geneticamente, progressivamente. O passado se esclarece de uma maneira diferente e, por conseguinte, o processo que vai desse passado ao atual se expõe, também, diferentemente.

A teoria e o método lefebvrianos apresentam uma tríade que alicerça a visão de conjunto, a percepção de uma sobreposição de estruturas e de épocas diferentes: a combinação entre o passado, o presente e as virtualidades do futuro. O método supera o par dedução/indução, abrigando a transdução – a exploração do possível que se apresenta nas fímbrias do presente. A teoria resgata em Marx e Lênin, para desenvolver, a noção de *formação econômico-social* e sua *lei do desenvolvimento desigual*. A noção de *formação econômico-social* favorece uma compreensão retrospectiva e prospectiva ao percorrer o sentido da coexistência de tempos históricos: as forças produtivas, as relações sociais e as superestruturas – políticas, culturais – não avançam igualmente, simultâneas, no mesmo ritmo histórico. A formação econômica desenvolve-se mais rapidamente que a social. O econômico não determina mecanicamente o social, o político e o cultural. A interação é dialética.

Elemento de um complexo sistema de pensamento, o caminho regressivo-progressivo mostra-se compreensível pela consideração de algumas categorias analíticas: *formação econômico-social*; *desenvolvimento desigual*; *temporalidades diversas*; *produção e reprodução das relações sociais*. Nesse sentido, com o propósito de destacar o método regressivo-progressivo, realizamos um exercício de aproximação conceitual. Para a consecução de tal finalidade, estruturamos o texto em quatro seções, não contabilizadas uma introdução e uma conclusão: a) informações biográficas e bibliográficas gerais; b) categorias analíticas fundamentais;

c) a definição do método regressivo-progressivo e; d) a aplicação do método, efetuada pelo pensador francês, em estudo lapidar sobre a sociedade urbana.

## ASPECTOS BIOGRÁFICOS E BIBLIOGRÁFICOS GERAIS

Natural da região camponesa dos Baixos Pirineus, França, Henri Lefebvre nasceu em 1901 e faleceu no ano de 1991, legando uma robusta produção intelectual que perpassou a filosofia, a matemática, o teatro, a poesia, a linguística, a estética, a cibernética, a história e, principalmente, a sociologia (Soto, 2013). Estudou filosofia na Sorbonne, lecionando a disciplina em escolas secundárias. Em 1927, vivenciou uma proveitosa experiência como motorista de táxi em Paris, que lhe descortinou a importância da observação direta dos processos sociais, especificamente dos fenômenos relacionados com a cotidianidade e com a vida moderna, a cidade, o urbano e as contradições entre o concebido e o vivido<sup>4</sup>.

No curso de 1928, ingressou no Partido Comunista Francês (PCF), no qual militou durante três décadas, sendo suspenso, em 1958, em decorrência de críticas construídas e direcionadas ao dogmatismo e ao stalinismo. Não esteve isento, por conseguinte, das contradições progressivamente profundas da participação no movimento comunista (Lefebvre, 1978). Na década de 1930, com a descoberta de inéditas obras da juventude de Marx, Lefebvre traduziu-as para o francês, assim como os textos de Hegel sobre dialética, no bojo da revitalização do hegelianismo. A dialética acenava ser a única capaz de orientar o pensamento no caos de contradições de uma época que se precipitava para a guerra. No período, produziu textos divulgadores e de apresentação do marxismo, no horizonte da crítica da filosofia, não como exclusivamente economia política ou meramente como sistema filosófico, mas o marxismo além do dogmatismo, da institucionalização e da ideologização do Estado stalinista<sup>5</sup>.

No contexto de avanço do nazismo pela Europa, militou clandestinamente. Com a criação do Centro Nacional para a Pesquisa Científica (CNRS), em 1948, sob influência de Georges Gurtvich, Lefebvre transitou da pesquisa da *filosofia pura* para o estudo das práticas sociais, ou da relação entre o pensamento abstrato com o mundo sensível do cotidiano. Posteriormente, o pensador dialético se defrontou com um problema concreto que dominava os demais: o

4 Foi na vivência como motorista de táxi em Paris que Lefebvre desvendou as tensões entre produção social e reprodução social e atentou para os estudos do urbano e da vida cotidiana.

5 O marxismo entendido não como modelo definitivo de pensamento, mas, como subsídio de uma via, a da realização da filosofia através de sua crítica radical (Lefebvre, 1978). A filosofia crítica como realização e superação da filosofia – meditativa, especulativa – tem seu lugar de nascimento na realidade cotidiana, na práxis sensível dos homens. A filosofia se realiza no mundo.

dos camponeses, do campesinato, da produção agrícola e da industrialização. Ao centralizar suas investigações nas comunidades camponesas dos Pirineus, explorou os arquivos no Vale de Campan, o que resultou, mais tarde, na tese de doutorado em Sociologia Rural (Lefebvre, 2011)<sup>6</sup>.

Os estudos rurais conduziram-no a aprofundar os questionamentos sobre o pensamento marxista, sobre a relação entre filosofia e mundo, a confrontação entre o mundo filosófico e o mundo não filosófico, emergindo o cotidiano – a vida cotidiana –, aparentemente insignificante, como apanágio de sua elaboração teórica. Nesse sentido, apresenta o caminho de realização crítica da filosofia e de consolidação da filosofia crítica<sup>7</sup>.

A vida cotidiana sufocante, afirmando-se lentamente e seguramente como cotidianidade, confirmando sua trivialidade, sua ambiguidade por excelência – satisfação e mal-estar; banalidade e aborrecimento sob a resplandecente armadura da modernidade – frutificou quatro obras, esparsas entre si no tempo, mas amadurecidas, revistas e enriquecidas<sup>8</sup>. Concomitantemente aos estudos sobre o cotidiano, o autor observou, nos anos 1960, as transformações em sua terra natal e a emergência da cidade nova, com enigmas inúmeros, a mediação da industrialização e a modernização, sedimentando-se, crescendo e dominando a paisagem dos campos rurais dos Pirineus, disseminando concreto, metal e relações complexas de produção e de mercantilização. Detecta-se uma superposição de relações, de valores e de tempos que traduz a problemática da transição do rural ao industrial e do industrial ao urbano.

No ínterim de sua fecunda produção, em 1965, em idade sexagenária, foi incorporado, como docente, à Universidade de Nanterre, exercendo favorável influência sobre os estudantes (Soto, 2013). Na segunda metade da década de

6 Os artigos de sociologia histórica e sociologia rural, publicados entre 1949 e 1969, foram compilados na obra *De lo rural a lo urbano* (1978). Demonstração cabal da fertilidade lefebvrina, mostra-se o fato de um intelectual com formação filosófica entregar-se à reconstituição de mil anos de história de uma aldeia francesa, encontrando o significado dos confrontos políticos centenários e de concepções de vida que não poderiam ser identificadas a partir de uma perspectiva evolucionista e linear (Soto, 2013).

7 No panorama de crise das certezas definitivas, dos grandes esquemas teóricos e da ilimitada reprodução do capital, ocorreu a proposição de uma nova questão que demandou o redimensionamento da sociologia: a questão do conhecimento de senso comum na vida cotidiana (Martins, 1996, 1998, 2014a, 2017). “Com relação à filosofia, a vida cotidiana se apresenta como não-filosófica, como mundo real em relação ao ideal (e ao conceito de mundo). Diante da vida cotidiana, a vida filosófica pretende ser superior, e descobre que é vida abstrata e ausente, distanciada, separada. A filosofia tenta decifrar o enigma do real e logo em seguida diagnostica sua própria falta de realidade; essa apreciação lhe é inerente. Ela quer se realizar e a realização lhe escapa: é preciso que ela se supere enquanto vida filosófica” (Lefebvre, 1991a, p. 17).

8 “[...] a *Critique de laviequotidienne*, I, *Introduction* (1947), republicado de forma ampliada em 1957 (*La Somme et le Reste*) e, em 1961, o volume II, *Critique de laviequotidienne*, II, *Fondament d'une sociologie de laquotidienneté; Introduction à lamodernité*, mas em 1968 (1991), um livro sobre o tema é resumido e acrescido de algumas questões novas é publicado *La viequotidienne dans le monde moderne*; o terceiro volume sobre o Cotidiano seria publicado em 1981: *Critique de laviequotidienne*, III. *De lamodernité au modernisme (Pour une métaphilosophie duquotidien)*” (Machado, 2008, p. 86-87).

1970, Lefebvre acolheu outros temas e objetivos e os desenvolveu até o final de sua vida: nos estudos filosóficos retomou, continuou e ampliou as pesquisas e as obras sobre a dialética de Hegel e de Marx, além de Nietzsche e Freud; nos estudos sobre o Estado, enveredou por uma seara desprezada pelo marxismo de forma geral, não obstante a motivação e a orientação proviessem dos escritos do próprio Marx<sup>9</sup>.

No verão francês de 1991, após nove décadas de existência, Henri Lefebvre faleceu. Lufti, Sochaczewski e Jahnel (1996, p. 87) asseveram que “[...] o mundo perdia, então, um intelectual para quem a revolução passa pela subjetividade, pela práxis criadora, pela vida cotidiana. Uma espécie de intelectual em extinção, intelectual engajado, no dizer de Olivier Corpet”. A riqueza teórica, a marginalização acadêmica e a postura de crítica militante – política, prática e teórica – não apreendidas pelo poder, tanto do espectro de esquerda quanto de direita, envolveram o pensamento do autor e o próprio Lefebvre em preconceitos que obstaram a ampla divulgação de sua produção. Lefebvre soube relacionar dialeticamente economia, política, desejo, sonhos, utopias, esperanças e emoções (Marini, 1996). Irredutível aos rótulos e às titulações acadêmicas, crítico dos conhecimentos parciais e especializados, combinando observação direta, análise histórica e fundamentação teórica, mostrou-se inclassificável (Lefebvre, 1978; Nasser, 2001, 2011). “Ele soube ser sujeito da História, não ficando escravo nem do marxismo e nem do próprio Marx” (Marini, 1996, p. 135)<sup>10</sup>.

De suma importância para a compreensão da sociedade contemporânea, a produção lefebvriana, apesar da proficuidade dos temas e dos campos de conhecimento, com mais de 70 volumes e centenas de artigos, apresenta a nervura e a consistência de um projeto fundamental: o retorno à Marx e o retorno à dialética, porém, uma dialética pensada nos termos da tríade totalidade-negatividade-radicalidade: “[...] nunca sistematizada, nunca acabada; nunca perfeita, mas que, contudo, se vai consumando, se vai realizando” (Lefebvre, 1973,

9 Lefebvre pontua a produção política do Estado e examina os processos que produziram sua mundialidade. Não limita a compreensão da constituição do Estado a mero reflexo das relações de produção econômicas, tampouco eleva a instituição ao cume de um percurso histórico, à encarnação da verdade ou da ideia absoluta, aos moldes de Hegel, ou ao apanágio da superestrutura, nas cores do marxismo dogmático dominante. O Estado se constitui como a forma do político e do poder no movimento de produção política da sociedade, sendo imprescindível para a análise de seus fundamentos e de seu funcionamento a compreensão da base social, que não é apenas econômica (Lefebvre, 1968). O Estado não pode se abstrair da sociedade real que lhe serve de base: classes e lutas de classes. A relação entre Estado e classes sociais foi exposta por Lefebvre em *De L'État*, obra em quatro volumes escrita entre 1976 e 1978. A respeito da teoria lefebvriana sobre o Estado, a opressão das formas e insurreição do uso, indicamos a leitura de Kominsky e Andrade (1996), Lefebvre (1975, 2006) e Sposito (1996).

10 Limonad e Lima (2003) aproximam a postura inovadora de Lefebvre à de Gramsci. Ambos propõem, e trabalham com profundidade, questões relevantes, contudo, marginalizadas e reputadas insignificantes frente à premência da luta de classes ordenada pelo pensamento do marxismo oficializado e vulgarizado.

p. 5). Na apreciação de Martins (1996, p. 13 e 14), o retorno a um Marx datado, situado no tempo e no espaço, construtor de uma obra inacabada, de um pensamento triádico:

Lefebvre não retorna, simplesmente, aos conceitos de Marx, mas à relação entre um modo de pensar e uma prática, isto é, a um projeto na práxis que define o trajeto de uma vida. O método dialético está no centro desse retorno. Mas o método que se foi definindo ao longo da obra de Marx, que combina os momentos do método de investigação e do método de explicação; e que culmina com a análise inacabada sobre as classes sociais, isto é, sobre a primeira tríade: trabalho, terra e capital, ou seja, salário, renda e lucro. O pensamento de Marx não era binário, como o fez mais tarde o marxismo vulgar, e sim triádico.

Expostas vagas informações biográficas e bibliográficas, abordaremos, no módulo seguinte, categorias lefebvrianas fulcrais para compreender o método regressivo-progressivo, sobretudo, as noções de *formação econômico-social*, de *produção e reprodução das relações sociais* e de *desenvolvimento desigual*.

## CATEGORIAS ANALÍTICAS FUNDAMENTAIS

Lefebvre desenvolve uma posição de continuidade e de superação em relação a Marx. No livro *A re-produção das relações de produção* (1973), retorna à obra marxiana e procede à análise crítica do conceito de *reprodução das relações de produção*:

A produção não se reduz à fabricação de produtos [...]. Ele designa, também, a produção do 'ser humano' por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico. Isso implica a produção de *relações sociais*. Enfim, tomado em toda a sua amplitude, o termo envolve a *reprodução*. Não há apenas reprodução biológica (e conseqüente aumento demográfico), mas também reprodução material dos utensílios necessários à produção, instrumentos técnicos e ainda reprodução das relações sociais (Lefebvre, 1991a, p. 37).

A constatação de que as relações de produção são o resultado incessantemente renovado do processo de produção e que a reprodução é também reprodução das relações sociais, embrionária em Marx, foi obnubilada pelo marxismo oficial – com a sua fraseologia pretensamente revolucionária e as suas censuras estereotipadas. Nesse sentido, o pensador francês recusa a divisão simplificada e grosseira da práxis em três níveis – base, estrutura e superestrutura –, propondo outro esquema e uma nova conformação nos níveis: práxis *repetitiva*, *mimética* e *inovadora* (Lefebvre, 1968). Nessa leitura, coloca a práxis repetitiva,

*a repetição continuada dos mesmos atos, dos mesmos gestos, do mesmo saber, como mediada pela criação imperceptível de algo que é real, que é presente, enquanto possível, enquanto vir a ser.* Deixa explícito que a práxis social é tudo isso: repetição, imitação, inovação. Revelando contradições, *a práxis cria ao repetir, inova ao imitar, repete ao inovar.* Nessa perspectiva, *a contínua recriação de uma mesma maneira de levar a vida, constitui-se na criação da possibilidade de romper com essa mesma vida*<sup>11</sup>.

O conceito de *reprodução das relações sociais de produção* apresenta efeitos retrospectivos e prospectivos. Designa “um processo complexo que arrasta consigo contradições e não só as repete, as reduplica, mas também as desloca, as modifica, as amplifica”. A abordagem crítica e dialética<sup>12</sup> do conceito em pauta possibilita a compreensão de que a modernidade escamoteia, no invólucro da pretensa e pretensiosa novidade, “[...] a fastidiosa gravidez do repetitivo, e redundância que nos faz acreditar na inteligibilidade deste mundo” (Lefebvre, 1973, p. 36). Por outro lado, e destoante, nas rachaduras e fronteiras entre os subsistemas da sociedade capitalista, se produz, esgueira, se afirma, encorpa e emerge a novidade, o inaudito:

No entanto, nem sempre o novo se mostra original, obra autêntica. Por vezes, o discordante do presente é o reencetamento do velho, do tradicional, do não capitalista. Indômito ou capturado, maquiado ou de face nu, potencializado ou minimizado, plasmado ou excluído em relação ao atual, ora resiste, ora reforça a dinâmica presente de reprodução capitalista (Prado, 2023, p. 75).

O conceito de *reprodução das relações de produção* incide sobre a totalidade, sobre o movimento do capitalismo em nível global. A apreensão do total como reprodução e produção de relações econômicas e sociais se mostra possível por uma metodologia que não se reduz à indução ou à dedução. Metodologia com

11 Nas palavras de Martins (1996, p. 6): “[...] a reprodução social, lembrou Lefebvre mais de uma vez, é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sem uma certa produção de relações – não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não há vida sem história. Esses momentos são momentos de anúncio do homem como criador e criatura de si mesmo”. Martins destaca que é no fragmento de tempo do processo repetitivo, no tempo da rotina da produção capitalista, da repetição, que as contradições saltam como invenção, ousadia, transgressão e criação, e anunciam a História, o tempo do possível. É na vida cotidiana que se instalam as condições de transformação do impossível em possível. O par dialético *reprodução e produção* traduz o duplo caráter da vida cotidiana: sua miséria e sua riqueza. Não apreendemos a abordagem lefebvriana da vida cotidiana, dada a prodigalidade da mesma e os limites deste trabalho.

12 A dialética como teoria do conhecimento demonstra que o conhecimento não é linear. Ele avança em curvas, esferas e círculos, aproximando-se duma espiral. A dialética parte da prática e efetua a análise. Descobre, no conteúdo, as contradições e os antagonismos. Na abordagem lefebvriana, a dialética define-se “pela universal elasticidade dos conceitos” que vai “até a identidade dos contrários”: “a dialética é conhecimento da contradição na essência de todas as coisas – é o reconhecimento da contradição como absoluta” (Lefebvre, 1975, p. 184).



potencialidade para a crítica radical das contradições do vivido e da exploração do virtual: o método regressivo-progressivo.

A afirmação de que “a reprodução do antigo no moderno dissimula a sociedade atual que se itera e se reproduz” (Lefebvre, 1973, p. 36) conduz à harmonia do conceito de *reprodução de relações sociais de produção* com outra noção lefebvriana, vinculante e vinculada a seu projeto de retorno à Marx e retorno à dialética: a noção de *formação econômica e social*. Ocasional na obra marxiana, a noção foi retomada e aprofundada por Lênin em alguns de seus estudos sobre o desenvolvimento do capitalismo, nos anos de sua juventude (Martins, 1996). Às voltas com a necessidade de compreender e explicar o atraso da Rússia em relação a outros países europeus, Lênin (1982) desenvolveu o argumento, incipiente em Marx, do *desenvolvimento desigual* do capitalismo. O capitalismo na Rússia apresentava um ritmo de avanço específico, dada a formação agrária do país, percorrendo uma trajetória diferente do modelo clássico inglês – estudado em *O capital*. Mesclavam-se, em união e em oposição, momentos e elementos da formação social anterior com momentos e elementos da formação social capitalista. No entanto, o desenvolvimento do capitalismo era real e evidente. Agarrando Marx pela alma revolucionária, Lênin sistematizou a percepção das múltiplas temporalidades do capitalismo: a especificidade do seu avanço em cada sociedade particular (Lefebvre, 1975).

Na senda visualizada por Marx e desbravada por Lênin, Lefebvre recupera o princípio explicativo da totalidade enquanto unidade do diverso, enquanto processo de *desenvolvimento desigual* que engloba sobrevivências, na estrutura capitalista, de formações e estruturas anteriores:

As formações econômico-sociais sucessivas na história, que coexistem atualmente com o grande capitalismo (na formação econômico-social capitalista), não lhe são exteriores. Não se trata apenas do passado do organismo social, pois este passado encontra-se perfeitamente integrado no todo. As formas sucessivas de propriedade e de posse do solo, o artesanato, a pequena produção e o pequeno comércio, veem-se a pouco e pouco subordinados ao grande capital. o crescimento do capitalismo não se faz só duma maneira, é multiforme e multilateral. Uma vez (e é o caso ‘clássico’ da Inglaterra), o capitalismo faz tábua rasa de tudo o que o precedeu, instala-se como conquistador em terra conquistada, nos meios do sofrimento duma população que, a bem ou mal, é integrada na produção capitalista e no mercado. Outras vezes (e é o mais frequente), o capitalismo penetra insidiosamente, corrói mais do que destrói, sujeita a si o existente. [...]. Num processo contraditório, o capitalismo que por um lado destrói a pequena produção, o artesanato e o pequeno comércio, pode, por outro lado, mantê-los ou mesmo reconstituí-los parcialmente,

mas *subordinados* ao capitalismo. [...]. Assim, as estruturas de formações anteriores ao capitalismo podem ou desaparecer ou permanecer gozando duma independência *aparente*. A realidade essencial exprime-se numa lei: a lei da *subordinação* ao capitalismo das formas e estruturas anteriores, na medida em que persistem (Lefebvre, 1973, p. 201-202).

Lefebvre (1973) indica que, tanto em escala mundial quanto nas sociedades específicas, o grande capital avança sobre – e submete – uma série de camadas e sedimentos de estruturas sociais anteriores. No capitalismo, as estruturas de formações econômico-sociais anteriores resistem, fragilmente, sendo destruídas ou subordinadas e aproveitadas para a reprodução ampliada da produção capitalista. A *lei do desenvolvimento desigual* de formas análogas e de interação dessas formas – que coexistem em diferentes etapas de sua vida – constitui uma das grandes leis da história e constitui a principal descoberta de Lênin no campo econômico. A noção tem amplas implicações, com significado profundo e duplo: metodológico e teórico. Noção composta, cada termo deve ser tomado em toda a sua extensão e força:

‘*Formação*’: trata-se duma realidade que se transforma, que evolui e que muda – duma maneira histórica e objetiva, como uma realidade da natureza. ‘Econômico-social’ significa que se trata duma formação com dois aspectos que não podemos separar nem confundir: econômico (forças produtivas, relações dos homens uns com os outros, relações de produção, classes e forças sociais) (Lefebvre, 1975, p. 189).

O problema alçado por Lefebvre ao horizonte de discussão consiste em determinar a relação exata entre o econômico e o social. A solução se encontra no estudo da *formação econômico-social* na sua totalidade, quer se trate de *uma sociedade*, de *uma formação*, do conjunto da história. Na análise dialética, o todo do sistema capitalista comporta e abriga o presente, o concreto dado e as contradições que o impactam, com seus aspectos múltiplos e movimentos característicos. Acoberta, também, o devir como futuro na sua virtualidade e nos seus elementos presentes que sinalizam os estádios posteriores, estes, esclarecedores dos momentos precedentes. Abraça, por fim, o remoto que persiste, o passado que se faz presente em relações pertencentes a formações econômico-sociais anteriores à sociedade burguesa e que subsistem estioladas, mascaradas, reprimidas ou, como nos mostra o sociólogo José de Sousa Martins em sua análise sobre o capitalismo no Brasil, são integradas e reproduzidas no processo de *produção capitalista de relações não capitalistas de produção* (Soto, 2003, 2013)<sup>13</sup>.

13 A noção de *produção capitalista de relações não capitalistas de produção* encontra-se presente na obra do autor desde suas primeiras análises do mundo rural brasileiro, como a realidade produtiva multifacetada do Vale do Paraíba (Martins, 1975) e/ou a compreensão do colonato, com seus múltiplos vínculos monetários,

As raízes estruturais dessa coexistência de temporalidades diversas se encontram, portanto, radicadas no atraso do real em relação ao possível e do social em relação ao econômico. Na ótica de Lefebvre, a noção de “[...] formação econômico-social significa que as forças produtivas, as relações sociais e as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultâneas, no mesmo ritmo histórico” (Cunha *et al.*, 2003, p. 71).

## **MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO E A DUPLA COMPLEXIDADE DO MUNDO RURAL**

Lefebvre, ao analisar o processo histórico como um todo e o capitalismo como uma totalidade parcial, explorou as potencialidades interpretativas contidas na noção de *formação econômico-social* e sua *lei do desenvolvimento desigual*. Descortinou, no juízo de Martins (1996), a desigualdade de ritmos históricos nos quais avançam as forças produtivas: a coexistência, na vida social, de tempos históricos diversos – passado, presente e futuro.

A constatação de que a novidade e a tradição, o moderno e o não moderno, coexistem no cenário das contradições sociais conduziu Lefebvre à proposição de uma metodologia promotora da conjugação crítica da sociologia com a história para a análise da lei geral do processo. Esta orientação teórico-metodológica prima pela possibilidade de apreender cada uma das realidades sociais, com temporalidades diversas, através de uma datação prévia empreendida pelo denominado *método regressivo-progressivo*. Em dois decisivos artigos, publicados originalmente nos *Cahiers Internationaux de Sociologie*, respectivamente em 1949 e 1953, apresentou essa inestimável contribuição teórica e metodológica para a compreensão da complexidade da realidade social<sup>14</sup>.

O primeiro artigo, intitulado “Problemas de sociologia rural” (Lefebvre, 1986a)<sup>15</sup>, focaliza a comunidade rural francesa, ou comunidade de aldeia, no

---

não monetários e gratuitos em relação ao grande proprietário fundiário (Martins, 1973, 1986). A noção de *produção capitalista de relações não-capitalistas* expressa um processo complexo, o desenvolvimento do capital na sociedade brasileira, que reproduz, amplia e recria suas contradições (Soto, 2003). Para maior compreensão indicamos as leituras de Martins (1973, 1975, 1986, 1994, 1998, 2013, 2014a, 2014b, 2017).

14 Limonad e Lima (2003, p. 19) distinguem várias influências e elementos na composição do método regressivo-progressivo. Na compreensão dos autores, Lefebvre extraiu de Hegel, dentre outras coisas, a concepção de que um conceito apenas se apresenta quando já se encontra elaborado, concretizado em sua forma última. Apropriou-se, em Marx, do método, do materialismo dialético, assim como da ideia de transformação. Nietzsche conferiu-lhe a visão da renovação, da circularidade, da destruição e reconstrução. Obviamente que todos os elementos e influências das diversas fontes foram absorvidos de forma crítica, não meramente mimética, mas criativa, dialética.

15 Artigo publicado originalmente nos *Cahiers Internationaux de Sociologie* em 1949. Reproduzido, também, na obra *De lo rural a lo urbano* (Lefebvre, 1978, p. 19-38). O referido material foi, nas palavras do próprio autor, produzido numa época na qual todas as partes - do lado capitalista e do lado socialista e comunista

cerne do processo histórico. O autor direciona contundente crítica aos estudos empíricos, sociométricos, e descritivos que abordam a realidade social numa perspectiva não histórica, focalizando a realidade como objeto de análise quantitativa – ou monográfica –, sem passado e sem densidade, sem contradições. Admoesta aos executores destas pesquisas a respeito da importância capital de se considerar o passado, que se mantém presente, de forma explícita ou camuflada:

Para quem não analisa, o passado vem, muitas vezes, se perder, se mostrar num presente inteiramente presente e aparentemente dado, ou em um bloco anacrônico e fora de uso. Daí o caráter, ao mesmo tempo, difícil e recente da sociologia rural, ciência do atual que não pode prescindir da história, pois aqui, como lá e acolá, o histórico persiste e age sobre o atual (Lefebvre, 1986a, p. 145-146).

Dedicado concretamente às questões camponesas e à sociologia rural, o artigo supracitado lançou as bases de uma perspectiva teórico-metodológica explorada com mais vagar em material publicado, em 1953, sob o título de *Perspectivas da sociologia rural* (Lefebvre, 1986b)<sup>16</sup>. O procedimento metodológico analítico-regressivo decorre do preceito formulado por Marx ao declarar que o homem ilumina o macaco, o adulto o menino; que o atual possibilita a compreensão do passado e a análise da sociedade capitalista descortina os fundamentos das sociedades anteriores (Lefebvre, 1978).

A regressão ou mergulho no passado permite a datação lógica e histórica das relações sociais, instituições e valores. A partir desse conhecimento, efetua-se o terceiro momento do método, que é histórico-genético, no curso do qual o pensamento retorna ao atual, a partir do passado desentranhado, apreendido em si mesmo. O presente é reencontrado. Não mais o presente inicial, superficial. O presente reencontrado é o presente compreendido e explicado. No olhar de Martins (1996, p. 22), “a volta à superfície fenomênica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido”.

O método regressivo-progressivo confere privilégio à densidade histórica, evitando o formalismo estatístico. Visto que a realidade social tem uma história e que conserva, em seu seio, e justapõe formações “tradicionais” às formações “modernas”, o problema metodológico mostra-se complexo e delicado. Para Lefebvre, não se trata de promover a absorção da sociologia pela história, tampouco que a sociologia prescinda da história como ciência *auxiliar*. Partindo

---

- exerciam um implacável terrorismo. Para iludir a censura, não existia alternativa senão prolongar o pensamento de Marx, sem citar a fonte (Lefebvre, 1978).

16 Artigo primeiramente publicado nos *Cahiers Internationaux de Sociologie* em 1953. Reproduzido, também, na obra *De lo rural a lo urbano* (Lefebvre, 1978. p. 61-76).

da realidade presente, de sua descrição, o sociólogo regressará ao passado, às organizações sociais anteriores, recuperará a dinâmica do processo histórico, procurará descobrir a datação de cada relação e instituição e retornará - retomará - ao presente, não mais obscuro, explicado pela compreensão do processo que desembocou no resultado atual (Lefebvre, 1986b, p. 170). O método lefebvriano apresenta uma tríade que favorece a visão de conjunto, a percepção de uma sobreposição de estruturas e de épocas diferentes, ou seja, um momento descritivo, um momento analítico-regressivo e um momento histórico-genético:

Propomos, então, um método muito simples, utilizando as técnicas auxiliares, englobando vários momentos:

a) *Descritivo*. Observação, porém, munida da experiência e de uma teoria geral. Em primeiro plano; observação participante no local de pesquisa. Utilização prudente das técnicas de pesquisa (entrevistas, questionários, estatísticas).

b) *Analítico-regressivo*. Análise da realidade descrita. Esforço para datá-la com precisão (para não nos contentarmos com a constatação dos 'arcaísmos' não datados, não comparados entre si).

c) *Histórico-genético*. Estudo das modificações desta ou daquela estrutura previamente datada, causadas pelo desenvolvimento ulterior (interno ou externo) e por sua subordinação às estruturas de conjunto. Esforço para uma classificação genética das formações e estruturas, no quadro do processo do conjunto. Esforço, portanto, para retornar ao atual anteriormente descrito para reencontrar o presente, porém elucidado, compreendido: *explicado* (Lefebvre, 1986b, p. 173).

Lefebvre mobilizou inicialmente o método regressivo-progressivo em estudos rurais e aplicou-o, posteriormente, aos estudos sobre a cidade e o urbano. No que diz respeito ao universo rural, as constatações teóricas lefebvrianas se traduzem, afirma Frehse (2001, p. 173), “num conjunto de procedimentos voltados a explorar especificamente a ‘dupla complexidade’ da realidade camponesa”. Na sociedade francesa das décadas de 1940 e 1950, o rural arrasta consigo o passado mais longínquo. O autor diagnostica a dupla complexidade da realidade camponesa: a) *complexidade horizontal* e b) *complexidade vertical*.

A *complexidade horizontal* corresponde às diferenças essenciais, chegando ao antagonismo, entre formações e estruturas agrárias de mesma época histórica. Diversidade verificada pela realização de estudo sociológico com o cotejamento de técnicas, do grau de desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção e formas de contratação, de produtividade do trabalho, das migrações laborais, em suma, do conjunto das condições produtivas. Verificada no universo rural mais do que em outras esferas, a *complexidade vertical*

corresponde à coexistência de formações de *épocas e datas* diferentes - a justaposição paradoxal entre tradicional e moderno, novo e velho - na conformação da realidade social e dos valores.

A *complexidade horizontal* e a *complexidade vertical* - histórica - não são estanques, elas “entrecruzam-se, recortam-se e agem uma sobre a outra” (Lefebvre, 1986b, p. 166). Apenas uma metodologia regressivo-progressiva, promotora de relações críticas entre a sociologia, a história, a antropologia, a economia, a geografia e demais disciplinas, pode desembaraçar o emaranhado, destacar os liames e estabelecer as devidas relações entre eles.

O manuseio do método regressivo-progressivo permite transitar do local ao global, deslindando-os imbricados, em mútua influência, contrapondo-se e interpondo-se de maneira incessante em um constante ir e vir do vivido imediato da vida cotidiana - o lugar - à macroescala das determinações gerais. Nesse sentido, ao aplicar o *método regressivo-progressivo* para a compreensão crítica e dialética de uma realidade social, como a cidade ou o espaço rural local, na sua complexidade e na sua multiplicidade de tempos, Lefebvre recorre à diferenciação entre *ordem próxima* e *ordem distante*<sup>17</sup>. Definindo, por exemplo, a cidade como espaço de mediação entre o local e o global, apresenta sua conceituação:

Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações de indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma ‘cultura’ e por conjuntos significantes. A ordem distante se institui neste nível ‘superior’, isto é, neste nível dotado de poderes. Ela se impõe. Abstrata, formal, suprassensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias (religiosas, políticas). Comporta princípios morais e jurídicos. Esta ordem distante se projeta na realidade prático sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa seu poder coator. Ela se torna evidente através e na imediatez. A cidade é uma *mediação* entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela se sustenta: encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, *escreve-a*, texto num contexto mais amplo e inapreensível como tal e não ser para a meditação (Lefebvre, 1991b, p. 46).

17 Limonad e Lima (2003) esclarecerem que o *próximo* e o *distante* na obra lefebvriana não significam distâncias materiais e escalas cartográficas. Não remetem a quantidades, mas a qualidades, reeditando a contradição entre valor de uso e valor de troca, entre a apropriação social, o vivido, a dominação e o concebido.

O pensador francês aponta dois caminhos metodológicos para a compreensão das inter-relações entre o imediato e o distante. O primeiro consiste em ir do mais geral ao mais singular - das instituições para a vida cotidiana -; o segundo parte do plano imediato e atinge o geral, utilizando os elementos e significações do observável local.

## **O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO E A REVOLUÇÃO URBANA**

Na delimitação dos momentos da obra lefebvriana, Machado (2008, p. 88) aponta que, nos anos 1960, o autor voltou-se “à cidade e ao urbano, temática que lhe renderia a publicação de sete livros até 1975: *La Droit à La ville* (1968), *Du Rural à l'urbain* (1970); *La Révolution urbaine* (1970), *La Pensée marxiste et la ville* (1972), *Espace et politique* (1973), e *La production de l'espace* (1974)”.

Em obras decisivas para os debates sobre o urbano e as transformações do espaço, tais como *O direito à cidade*; *A produção do espaço*; *A revolução urbana*, Lefebvre (1991b, 1999, 2006) postula a produção social do espaço. O espaço e o tempo não são apreendidos como fatos da “natureza”, mais ou menos modificada, nem como simples fatos de “cultura”. São produtos sociais que se dialetizam. O espaço - social - não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos. O espaço social abriga os objetos e coisas produzidas, bem como as relações de produção em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem - relativa - e/ou desordem - relativa. O espaço resulta de uma sequência de operações, é real e não ficcional. Produto do encadeamento de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe: ações produtivas e ações de consumo dos frutos produzidos.

No livro *A produção do espaço*, sustenta a tese de que se há produção e processo produtivo do espaço, há história. No entanto, a história do espaço, de sua produção, de suas formas e representações, “[...] não se confunde nem com o encadeamento causal de fatos ditos ‘históricos’ (datados), nem com a sucessão, com ou sem finalidade, de costumes e leis, de idéias e ideologias, de estruturas sócio-econômicas ou de instituições (superestruturas)” (Lefebvre, 2006, p. 76). O papel das forças produtivas - natureza, trabalho e organização do trabalho, técnicas e conhecimentos - e das relações de produção na produção do espaço é apreendido pela mobilização do método regressivo-progressivo. A partir do presente, busca a gênese do espaço como mediação das relações sociais, e retorna ao presente desvendando as camadas de tempos superpostas. O método regressivo-progressivo possibilita não somente caracterizar o espaço em que

vivemos e sua gênese, mas reencontrá-la, através do e pelo espaço produzido, da sociedade atual:

Esta obra procura, portanto, não apenas caracterizar o espaço em que vivemos e sua gênese, mas reencontrá-la através do e pelo espaço produzido da sociedade atual. Ambição que o título não anuncia abertamente. Resumamos esse propósito, inerente à *démarche* perseguida: um estudo 'para trás' do espaço social na sua história e sua gênese, a partir do presente, remontando para essa gênese – em seguida, retorno sobre o atual, o que permite entrever, senão prever o possível e o futuro. Essa *démarche* permite estudos locais em diversas escalas, inserindo-os na análise geral, na teoria global. As implicações e imbricações lógicas se compreendem como tais, mas sabendo-se que essa compreensão não exclui (ao contrário) os conflitos, as lutas, as contradições (Lefebvre, 2006, p. 11).

As classes, frações e grupos de classes são os agentes que intervêm na produção do espaço e as lutas encontram-se inscritas neste, impedindo, as primeiras, o apagamento total das diferenças ou a instauração da homogeneidade. Não obstante, o urbanismo, escamoteador da estratégia de classe sob o véu da técnica e da racionalidade, impetrou esforços de equivalência, de imposição da lógica da sociedade industrial, a diversidade persistente prima pelo *habitar* em resistência ao *habitat*; orienta-se pela insurgência do valor de uso contra o valor de troca.

No percurso regressivo-progressivo, retrospectivo e prospectivo, observa-se que o modo de produção capitalista se apropriou, na consecução de seus fins, do espaço preexistente, com modificações lentas ou rápidas penetrando uma espacialidade já consolidada. Não superou, totalmente, valores, instituições e relações da sociedade agrária e da sociedade comercial. Conjuntamente à incompleta sedimentação da ordem social capitalista e ao inconcluso esboroa-mento das ordens sociais anteriores, uma nova ordem social, virtual, porém, real: a sociedade urbana. As camadas superpostas do tempo e as contradições dessa superposição encontram-se registradas no espaço:

Quanto ao próprio espaço, simultaneamente produto do modo de produção capitalista, instrumento econômico-político da burguesia, ele revela contradições. A dialética sai do tempo e se realiza; ela age, de uma maneira imprevista, no espaço. As contradições do espaço, sem eliminar as que provêm do tempo histórico, saem da história e na simultaneidade mundial colocam num outro nível as contradições antigas, umas se enfraquecendo, outras se agravando, o conjunto contraditório tomando um novo sentido e designando 'outra coisa': um outro modo de produção (Lefebvre, 2006, p. 186).



A realidade social que nasce da industrialização e a sucede é a sociedade urbana. Lefebvre (1999) propõe o conceito de *sociedade urbana* no lugar de sociedade pós-industrial, empregada por inúmeros teóricos desde a década de 1970<sup>18</sup>. A sociedade urbana designa a tendência, a orientação para a completa urbanização da sociedade. Por conseguinte, a denominação sociedade urbana não esvazia o valor do epíteto “sociedade burocrática de consumo dirigido” para caracterizar a sociedade industrial, uma vez que a “sociedade burocrática de consumo dirigido” alimenta em seu ventre, em suas contradições, o projeto da sociedade urbana. A sociedade urbana só pode ser concebida, no parecer de Lefebvre, ao final de um processo, no curso do qual explodem as antigas formas urbanas. Sua apreensão exige a superação das categorias de pensamento abraçadas para a compreensão da sociedade industrial. Exige, também, a mobilização de uma concepção teórica e metodológica favorecedora do conhecimento de um objeto virtual, de uma realidade possível. Nesse sentido, Lefebvre emprega o método regressivo-progressivo, no qual, ao lado dos procedimentos tradicionais da dedução e da indução, há a transdução – a reflexão sobre o objeto possível.

Lefebvre erige a sociedade urbana em hipótese anunciadora de uma teoria. A sociedade urbana não se define como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, mas como horizonte, como virtualidade iluminadora. O futuro, o possível, desvela o presente e o presente revela o passado. O objeto virtual, a sociedade urbana – a sociedade planetária e a “cidade mundial” – permitiu a Lefebvre traçar um eixo espaço-temporal:

O futuro iluminou o passado, o virtual permitiu examinar e situar o realizado. É a cidade industrial, ou melhor, o estilhaçamento da cidade pré-industrial e pré-capitalista, sob o impacto da indústria e do capitalismo, que permite compreender suas condições, seus antecedentes, a saber, a cidade comercial; esta, por sua vez, permite apreender a cidade política á qual se superpôs (Lefebvre, 1999, p. 33).

O primeiro passo do método regressivo-progressivo, a descrição, evidencia os principais aspectos e traços do fenômeno urbano, como sua enormidade e complexidade. Contudo, não permite ir mais longe; não alcança determinadas relações sociais aparentemente abstratas em relação ao dado e ao vivido,

---

18 Nas décadas finais do século XX, novas problemáticas se desenharam nitidamente nos horizontes da sociedade contemporânea, acossando a intelectualidade. Esse novo cenário, segundo Offe (1989), descortinou amplos horizontes e desafios para a sociologia, colocando em discussão os modelos teóricos construídos na explicação da sociedade capitalista industrial. A derrocada do sistema soviético, a globalização, a abertura dos mercados, a falência do Estado-interventor, a reestruturação produtiva das empresas, com flexibilização do trabalho e inovações tecnológicas, configuraria, segundo Masi (2000), uma nova etapa do capitalismo, denominada “sociedade pós-industrial”.

os quais são apenas imediatos. A descrição é insuficiente para a apreensão da totalidade, da globalidade do fenômeno urbano. Sem os procedimentos regressivos e progressivos da análise – no tempo e no espaço – é, no parecer de Lefebvre, impossível conceber a ciência do fenômeno urbano: “[...] um duplo movimento impõe-se ao conhecimento, desde que existem tempo e historicidade: *regressivo* (do virtual ao atual, do atual ao passado) e *progressivo* (do superado e do *finito* ao movimento que declara esse *fim*, que anuncia e faz nascer algo novo)” (Lefebvre, 1999, p. 33).

No momento regressivo, Lefebvre remonta à *cidade política*, na Antiguidade, e seu domínio sobre o arrabalde, sobre o campo. Evidencia suas características e conflitos e aponta o surgimento da *cidade mercantil*, com nova arquitetura e nova estrutura do espaço urbano. Na configuração dos aspectos forma, função e estrutura delinea a *cidade industrial*, incrementando a subordinação da agricultura aos seus ditames, com posterior constituição da *zona crítica*, virtual afirmação da sociedade urbana. No movimento progressivo, genético, que possibilita o retorno à sociedade urbana, desnudada na sua historicidade, Lefebvre conclui que o campo e o tempo histórico do urbano – virtual – agiram, simultaneamente, como catalisadores e analisadores dos campos agrário e industrial, precisando e precipitando os traços difusos e confusos destes. A era urbana não promove a desapareição, por encantamento ou desencantamento, das contradições e conflitos da era industrial. Esta, por sua vez, não suprime totalmente os conflitos da era agrícola. Combinações e contradições, rupturas e continuidades, fissuras e liames representam a nova realidade:

Três camadas. Três épocas. Três ‘campos’, não apenas de ‘fenômenos sociais’, mas de sensações e de percepções, de espaços e de tempos, de imagens e de conceitos, de linguagem e de racionalidade, de teorias e de práticas sociais

- o rural (camponês)

- o industrial

- o urbano,

com emergências, interferências, atrasos, desigualdades de desenvolvimento e, sobretudo, transições dolorosas, fases críticas. Eis, portanto, o que se evidencia do eixo-temporal, das hipóteses teóricas em curso de verificação (Lefebvre, 1999, p. 37).

Na dinâmica metodológica do regresso e do progresso, Lefebvre descortina, através da sucessão das cidades e de seus tipos, o urbano posto como virtualidade desde os primórdios. A cidade política, a cidade comercial e a cidade industrial apresentam, nessa dinâmica, duplo aspecto: a) processo engendrando

o urbano; b) limitações ao urbano, consideradas as condições da produção agrícola e da produção industrial. No movimento dialético, o urbano reage sobre o que precedeu; “ele nasce e surge disso, do qual é o fim, sem que por isso exista finalidade metafísica. Sem esquecer que o informe, o disperso, o difuso ganhou forma. Essa forma se afirma como fim. Cabe ao conhecimento dominar o processo” (Lefebvre, 1999, p. 116).

No movimento de progressão genética, de retorno ao atual e ao possível, o conceito de sociedade urbana, antecipado como hipótese – científica – foi enriquecido, “[...] libertado dos mitos e ideologias que o subjagam: alguns vindos das regiões agrárias da história e da consciência, outros oriundos de uma extensão abusiva de representações emprestadas da empresa (da racionalidade industrial)” (Lefebvre, 1999, p. 151). A mobilização do método regressivo-progressivo desvenda o caráter mundial da problemática urbana e aponta a complexificação da sociedade, que atinge o espaço e o tempo, pois a complexificação do espaço e dos objetos que o ocupam não ocorre sem uma complexificação do tempo e das atividades que nele se desenvolvem. O fenômeno urbano caminha para uma totalidade, sem jamais atingi-la. Sua compreensão demanda uma leitura total, reunindo as contribuições das ciências parcelares. Com tendências globalizantes e totalizantes, o urbano – a sociedade urbana – é *pontual*, se localiza e se focaliza. O urbano reúne diferenças e faz diferir aquilo que reúne. Embora o urbano não suplante integralmente as contradições do industrial e do agrário, as contradições, no urbano, não se situam mais entre a cidade e o campo. “A contradição principal se desloca e se situa no interior do fenômeno urbano: entre a centralidade do poder e as outras formas de centralidade, entre o centro ‘riqueza-poder’ e as periferias, entre a integração e a segregação” (Lefebvre, 1999, p. 155). O urbano se apresenta como lugar dos enfrentamentos e contradições. Afirma-se, também, como unidade das contradições. Contradições de classes e confrontos entre as dimensões da *ordem distante* e da *ordem próxima*. Lugar da *expressão dos conflitos*, dos esforços institucionais de homogeneização, sob a lógica da mercadoria, o urbano é, também, *lugar do desejo*, da pulsão vital, da criatividade, da poíesis, da poesia da criação.

## CONCLUSÃO

Na vereda da imaginação sociológica<sup>19</sup>, no ofício sociológico criativo, Henri Lefebvre inovou teoricamente, revitalizou a dimensão triádica da dialética

19 A imaginação sociológica é, segundo Mills (1982), a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano, a saber, deslocar-se da esfera macro

marxiana, estiolada pela ortodoxia do marxismo vulgar – legitimação ideológica de um regime político –, enriqueceu as noções de *formação econômico-social*, de *produção e reprodução das relações sociais*, de *desenvolvimento desigual*, e cunhou, com aplicação sábia, dadas as especificidades de seu objeto de análise – o rural e o urbano, o cotidiano etc. –, o método regressivo-progressivo.

Caracterizados pela centralidade do empírico, a obra interpretativa e o método lefebvrianos revelaram

As tensões entre produção social e reprodução social, a reprodução ampliada de capital como reprodução ampliada de contradições sociais. Portanto, abriu o caminho para a compreensão sociológica da cotidianidade e do reprodutivo e, também, do âmbito desdobrado da revolução como revolução urbana e como revolução na vida cotidiana (Martins, 2013, p. 48).

O método regressivo-progressivo é, ao mesmo tempo, um vaivém enriquecedor entre o objeto – que contém toda a época, com significações passadas persistentes e hierarquizadas – e a época presente – com a expressão da ambiguidade das novas significações. Apreende a totalidade aberta, inconclusa, em transformação, que exhibe o presente, reproduz ou sufoca o passado e promove os vislumbres do futuro nas fímbrias do atual. Método capaz de “[...] iluminar o presente pelo futuro, a contradição embrionária pela contradição explicitamente desenvolvida e deixar ao presente os aspectos equívocos que ele conserva de sua desigualdade vivida” (Sartre, 2002, p. 97).

Destaca e analisa, no universo rural, a *complexidade horizontal* e a *complexidade vertical* e sublinha que as duas complexidades *reagem uma na outra*. Identifica a coexistência de formações sociais de idade e de data diferentes, com uma incompleta deterioração da ordem precedente e uma inconclusa afirmação da ordem atual. Analisa sujeitos inseridos e atuando nas dimensões sociais micro, meso e macro, num trânsito e mediação entre a *ordem próxima* e a *ordem distante*. Nesses termos, os processos não são resultados passivos da globalidade social, dependendo, também, e não menos essencialmente, das relações imediatas, das relações diretas entre as pessoas e os grupos dentro e fora das cadeias produtivas e das redes de relações e produções culturais.

A compreensão desses processos envolve a problemática de escala de abordagem: a combinação entre uma abordagem microssociológica da vida de todo dia e uma abordagem macrosociológica dos processos mais amplos, ou seja, uma análise multidimensional. Compreende o global e o local, convivendo e sendo, ao mesmo tempo, mutáveis e permanentes – intercambiáveis. Articula

---

para a esfera micro, revisitando as interconexões entre ambas. A imaginação sociológica dota o sociólogo da capacidade de conhecer o sentido histórico e social do indivíduo.

uma abordagem multidimensional sobre amplo conjunto de dados para produzir uma análise em diferentes planos da dinâmica social. Reclama a coleta de dados empíricos por diversos procedimentos metodológicos – observação direta, dados históricos em arquivos etc. –, partindo do pressuposto de que todos são insuficientes frente à complexidade do fenômeno.

No fazer sociológico lefebvriano, o caminho regressivo-progressivo é integrador, numa mediação dialética, da sociologia e da história para explicar a multidimensionalidade e a multitemporalidade da sociedade. O sociólogo “utiliza a história como uma ciência subordinada e auxiliar para o estudo do processo social em seu *conjunto*” (Lefebvre, 1986b, p. 171). A interação dialética entre ambos os aportes disciplinares promove uma mais elaborada e completa estruturação da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas. “Assim, a teoria sociológica pode e deve cooperar com a história e com a economia política para extrair a *lei geral do processo*, sem omitir as formas contingentes ou aberrantes, sem negligenciar, portanto, a extrema complexidade dos fatos” (Lefebvre, 1986a, p. 159-160).

No Brasil, lamentavelmente, traduziu-se apenas uma porção da obra lefebvriana, estando no aguardo de ser explorada, aprofundada e criticada. O autor francês foi negligenciado e marginalizado em prejuízo das ricas possibilidades teóricas e metodológicas. No parecer de Machado (2008), a obra de Lefebvre não encontrou, no seio da esquerda oficial e/ou alternativa, grande repercussão. Henri Lefebvre não esteve entre os “cânones” da formação da esquerda brasileira nos anos 1960 e 1980. No campo acadêmico, a noção dialética de *formação econômico-social*, na sua *lei de desenvolvimento desigual*, encontrou na sociologia brasileira, especificamente na sociologia rural, profícuos autores. Perspectiva fértil para a compreensão das ambiguidades, contradições e dilemas do processo de modernização na agricultura e da heterogeneidade das relações e vínculos produtivos e políticos. José de Souza Martins, nas pesquisas de Soto (2002, 2003, 2013, 2016), aparece como o autor que mais colaborou para colocar Henri Lefebvre em evidência na sociologia brasileira. Proficiente estudioso da obra lefebvriana, tornou-se interlocutor qualificado e referencial das ideias do pensador francês<sup>20</sup>. “Mas não é simplesmente isso, Martins recria e potencializa a perspectiva de Lefebvre à luz do processo histórico brasileiro. Martins dialoga criticamente com Lefebvre construindo, assim, uma sociologia enraizada nas

20 Durante vários anos, nas décadas de 1970 e 1980, Martins (1996, 2013) organizou um seminário semanal sobre a obra de Karl Marx. Considerados os desdobramentos da repressão decorrente da ditadura militar, com afastamento de docentes, e exploradas exaustivamente as leituras de Marx, ocorreu deslocamento e continuidade na apreciação da obra de Henri Lefebvre, pensador marxista contemporâneo de envergadura clássica, crítico da expansão do marxismo vulgar e deformador.

particularidades da sociedade brasileira” (Soto, 2013, p. 26). Na análise martiniana, a sobrevivência, reprodução e reconfiguração de relações sociais e produtivas não totalmente capitalistas, não são propriamente *passado*, mas mediação constitutiva do atual, do presente. Esse *passado* só resiste porque é reproduzido pelos processos sociais do atual, do moderno inconcluso (Martins, 2014a, 2014b).

A compreensão das particularidades do processo histórico brasileiro reclama o abandono da ilusão da unitemporalidade, da interpretação sociológica que apreende o objeto social como aquilo que não é, como um feixe de processos sociais unitemporais. Exige, tal compreensão, a acurada apreensão da formação e dinâmica da organização social, naquilo que Martins (1994, 2011) denomina de *sociedade de história lenta*.

Nos estudos sobre o espaço, a cidade e o urbano, a obra lefebvriana mostra-se de fundamental importância. Seu pensamento introduziu a base prático-sensível na dialética entre o processo espacial e o processo social. “Sua tríade espacial – o vivido, o concebido e o percebido – do mesmo modo, se mostra essencial para discutir as dimensões ideológicas que fundamentam a intervenção urbanística e arquitetônica levadas a cabo pela racionalidade do Estado” (Medrano *et al.*, 2017, p. 171).

Costa (2003, p. 13), ao discorrer sobre os conceitos e métodos lefebvrianos, destaca que “a contribuição da teoria do espaço de Lefebvre para a análise urbana é essencialmente uma inspiração”. Na argumentação do pesquisador, existe uma possibilidade de criação de categorias de análise empírica a partir dos vários conceitos de espaço que Lefebvre menciona ao longo de seus textos. Os conceitos lefebvrianos permitem construir uma teoria única sobre a produção do espaço, alavancando a edificação de hipóteses sobre a realidade urbana e os processos socioespaciais. A adoção e crescimento de suas obras como referências teórico-metodológicas são constatados por Volochko (2019, p. 507):

A generosa contribuição do pensamento Henri Lefebvre para o desenvolvimento da problemática espacial-urbana pode ser vista em diversos fóruns de debate de inúmeras áreas do conhecimento no Brasil e em outros países, assim como em trabalhos acadêmicos em nível de graduação e pós-graduação, em documentos técnicos e institucionais de planejamento territorial, nos diversos coletivos e movimentos sociais. A presença do pensamento lefebvriano nesses distintos fóruns revela, portanto, a persistência, o vigor e a atualidade de suas ideias.

Sartre (2002, p. 52) afirma, a respeito do método regressivo-progressivo, que “somente ele pode ser heurístico, somente ele coloca em evidência a originalidade do fato, permitindo ao mesmo tempo fazer comparações”. Assertivo na defesa do método lefebvriano, Sartre lamenta “que Lefebvre não tenha encontrado

imitadores entre os outros intelectuais marxistas”. Arrematamos este texto numa perspectiva otimista. Não obstante, a recalcitrância da esquerda dogmática e institucionalizada, a construção teórico-metodológica lefebvriana encontrou, paulatinamente, acolhida entre diversos sociólogos e cientistas sociais brasileiros, prodigalizando ricas análises em inúmeros ramos do conhecimento, sobretudo, na sociologia rural e nos estudos sobre a cidade, o espaço e o urbano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIRA, M. R. A. *Henri Lefebvre: a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- COSTA, G. M. A contribuição da teoria do espaço de Lefebvre para a análise urbana. In: LIMONAD, E. (org.). *Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre*. Niterói: UFF/GECEL, 2003. p. 9-14.
- CUNHA, A. M. *et al.* O terror superposto: uma leitura lefebvriana do conceito de terrorismo e suas relações com o mundo contemporâneo. In: LIMONAD, E. (org.). *Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre*. Niterói: UFF/GECEL, 2003. p. 69-97.
- FREHSE, F. Potencialidades do método regressivo-progressivo. Pensar a cidade, pensar a história. *Tempo Social*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 169-184, nov. 2001.
- GRÜNER, E. Leituras culpadas: marx(ismos) e a práxis do conhecimento. In: BORON, A.; AMADEO, J.; GONZALES, S. *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 103-151.
- KOMINSKY, E. V.; ANDRADE, M. M. de. O Estado e as classes sociais. In: MARTINS, J. de S. *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 51-70.
- LEFEBVRE, H. *O Vale de Campan: Estudo de Sociologia Rural*. Tradução: Ana Cristina Mota Silva. São Paulo: EdUSP, 2011.
- LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Tradução: Doralice Barros Pereira, Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. *A vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1991a. (Serie Temas, v. 24, Sociologia e política).
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991b.
- LEFEBVRE, H. Problemas de Sociologia Rural. In: MARTINS, J. de S. *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1986a. p. 144-162.

- LEFEBVRE, H. Perspectivas da Sociologia Rural. In: MARTINS, J. de S. *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1986b. p. 163-177.
- LEFEBVRE, H. *De lo Rural a lo Urbano*. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.
- LEFEBVRE, H. *O pensamento de Lenine*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1975.
- LEFEBVRE, H. *A Re-produção das relações de Produção*. Porto: Publicações Escorpião, 1973.
- LEFEBVRE, H. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- LÊNIN, V. I. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas, 5).
- LIMONAD, E.; LIMA, I. G. de. Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir da obra de Henri Lefebvre. In: LIMONAD, E. (org.). *Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre*. Niterói: UFF/ GECCEL, 2003. p. 15-33.
- LUFTI, E. P.; SOCHACZWESKI, S.; JAHNEL, T. C. As representações e o possível. In: MARTINS, J. de S. (org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 87-97.
- MACHADO, C. R. Momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação. *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, v. 13, n. 1, p. 83-95, 2008.
- MARINI, L. A luta contra os deuses. In: MARTINS, J. de S. *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 135-146.
- MARTINS, J. de S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2017.
- MARTINS, J. de S. *Uma sociologia da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2014a.
- MARTINS, J. de S. A modernidade do “passado” no meio rural. In: BUAINAIN, E. A.; SILVEIRA, J. M. da; NAVARRO, Z. (org.). *O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola*. Brasília, DF: Embrapa, 2014b. p. 23-31.
- MARTINS, J. de S. *A Sociologia como aventura: memórias*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTINS, J. de S. *A política do Brasil: lúmpen e místico*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARTINS, J. de S. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-8, maio 1998.
- MARTINS, J. de S. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J. de S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 13-23.
- MARTINS, J. de S. *O Poder do Atraso: ensaios de Sociologia da História Lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MARTINS, J. de S. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.



- MARTINS, J. de S. *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- MARTINS, J. de S. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MASI, D. de. *Sociedade pós-industrial*. São Paulo: Senac, 2000.
- MEDRANO, L. S. *et al.* A presença de Henri Lefebvre no debate acadêmico contemporâneo da arquitetura. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 170-180, set. 2017.
- MILLS, W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- NASSER, A. C. A. *Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida de excluídos*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- NASSER, A. C. A noção lefebvriana de cotidiano em um estudo sobre albergados na cidade de São Paulo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Anpocs, 2011. p. 1-18.
- OFFE, C. *Trabalho e Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- PRADO, E. D. do. *Às sombras dos cafeeiros. Propriedade fundiária e poder político: os tempos do ontem nos dias de hoje*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- SARTRE, J-P. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SOTO, W. H. G. Sociologia e história na obra de José de Souza Martins. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 31, n. esp. p. 1051-1069, 2016.
- SOTO, W. H. G. O pensamento crítico de Henri Lefebvre. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 12, n. 140, p. 22-28, jan. 2013.
- SOTO, W. H. G. A Sociologia do "mundo rural" de José de Souza Martins. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 175-198, abr. 2003.
- SOTO, W. H. G. *A produção do conhecimento social sobre o "mundo rural" nas obras de José de Souza Martins e José Graziano da Silva*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- SPOSITO, M. P. A produção política da sociedade. In: MARTINS, J. de S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 39-49.
- VOLOCHKO, D. Henri Lefebvre: totalidade, radicalidade e dialética espacial. *Geosp – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 506-524, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/162821>. Acesso em: 23 jun. 2023.